



MINISTÉRIO DA ECONOMIA, FAZENDA E PLANEJAMENTO

MSR

Sessão de 21 de maio de 19 92

ACORDÃO Nº 101-83.578

Recurso nº : 70.095 - IRPF - EXS: 1986 a 1990

Recorrente : HELOÍSA MARIA MOUTINHO ROCHA

Recorrida : DRF NO RIO DE JANEIRO - RJ

IRPF - Decorrencia - Intempestividade do Recurso - Não se conhece do recurso interposto fora do prazo previsto na legislação de regência. Isto não impede que o julgador "a quo", no exercício de suas funções de autoridade lançadora, determine, de ofício, o cancelamento da exigência fundada em lançamento que entenda insubsistente.

Vistos, relatados e discutidos os presentes autos de recurso interposto por HELOÍSA MARIA MOUTINHO ROCHA,

ACORDAM os Membros da Primeira Câmara do Primeiro Conselho de Contribuintes, por unanimidade de votos, em **NÃO CONHECER** do recurso, por intempestivo, nos termos do relatório e voto que passam a integrar o presente julgado.

Sala das Sessões, em 21 de maio de 1992


 MARIAM SEIF
- PRESIDENTE E RE-
TORA

VISTO EM

AFONSO CELSO FERREIRA DE CAMPOS-

PROCURADOR DA FA

SESSÃO DE:

11 JUN 1992

ZENDA NACIONAL

Participaram, ainda, do presente julgamento, os seguintes Conselheiros: Carlos Alberto Gonçalves Nunes, Sandro Martins Silva, Celso Alves Feitosa, Raul Pimentel, Jezer de Oliveira Cândido e Sebastião Rodrigues Cabral. Ausente, justificadamente, o Conselheiro Franciso de Assis Miranda.





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PROCESSO Nº 13710/000.536/91-71

RECURSO Nº : 70.095

ACORDÃO Nº : 101-83.578

RECORRENTE : HELOÍSA MARIA MOUTINHO ROCHA

R E L A T Ó R I O

A contribuinte acima identificada recorre a este Conselho de decisão do Sr. Chefe da Divisão de Tributação da DRF no Rio de Janeiro/RJ que, por delegação de competência, julgou procedente a exigência fiscal formalizada no Auto de Infração de fls. 01.

Trata-se de tributação reflexa de outro processo instaurado contra a pessoa jurídica da qual a contribuinte participa na condição de médica cooperada - UNIMED - RIO COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO NO RIO DE JANEIRO -, na área do Imposto de Renda Pessoa Jurídica, protocolizado na repartição de origem sob o nº 10768/022.698/90-44.

Nestes autos cogita-se da cobrança do imposto de renda-pessoa física, em virtude de inclusão na Cédula "F" das declarações de rendimentos da epigrafada relativas aos exercícios de 1986 a 1990, ano-base de 1985 a 1989, de parcela do lucro arbitrado na aludida sociedade cooperativa, a ele considerada automáticamente distribuída, na proporção de sua quota-parte no capital social daquela sociedade, com fundamento no disposto nos artigos 34, inciso I e 403 do RIR/80 e no § 4º do artigo 3º da Lei nº 7.713, 22.12.88.

A autoridade julgadora de primeira instância, em

ACÓRDÃO Nº 101-83.578

observância ao princípio da decorrência, dispensou a presente exigência o mesmo tratamento dado à tributação formalizada no processo matriz, ou seja, julgou procedente a ação fiscal, no mérito e retificou o lançamento de ofício, agravando-o, conforme decisão de fls. 77/80, sob os fundamentos sintetizados na seguinte ementa:

"IMPOSTO DE RENDA - PESSOA FÍSICA - Aplica-se aos procedimentos intitulados decorrentes ou reflexos, no que couber, o decidido sobre a ação fiscal que lhes deu origem, por terem suporte fático comum.

O lucro arbitrado, diminuído do imposto e do adicional incidente sobre o mesmo na pessoa jurídica, é considerado, por imposição legal, distribuído a favor dos sócios ou acionistas de sociedades não anônimas, inclusive as constituídas sob a forma de cooperativa, não elidindo tal presunção a ausência de efetiva distribuição de lucros pelas referidas sociedades.

ACÇÃO FISCAL PROCEDENTE, NO MÉRITO, E LANÇAMENTO RETIFICADO DE OFÍCIO."

Dessa decisão a contribuinte foi cientificada em 29.08.91 e, inconformada, ingressou em 23.10.91 com o recurso voluntário de fls. 88/89.

Como razões do apelo, a contribuinte se reporta aos fundamentos apresentados no processo principal.

É o relatório.



ACÓRDÃO Nº 101-83.578

V O T OConselheira **MARIAM SEIF**, Relatora

Conforme relatado, a tributação objeto do presente processo é decorrente da exigência fiscal formalizada contra a pessoa jurídica da qual a recorrente participa na condição de médica-cooperada - UNIMED-RIO COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO NO RIO DE JANEIRO -, nos autos do processo nº 10768/022.698/90-44, cujo recurso foi protocolizado neste Conselho sob o nº 101.176.

Citado recurso foi submetido à apreciação desta Câmara em sessão realizada em 02.12.91, ocasião em que, por unanimidade de votos, lhe foi dado provimento, como faz certo o Acórdão nº 101-82.389, assim ementado:

"ARBITRAMENTO DE LUCROS - Cooperativas - Escrituração sem destaque das receitas das diversas atividades - O arbitramento de lucros é procedimento reservado aos casos de inexistência de escrituração contábil regular e aplicável apenas nas hipóteses legais previstas nos incisos I a VI do artigo 399 do RIR/80, entre as quais não se inclui a que fundamentou a ação fiscal. A falta de destaque das receitas segundo sua origem (atos cooperativos, não cooperativos e incompatíveis com o regime cooperativo) não autoriza, pois, o arbitramento de lucros. No caso recomenda-se a tributação do resultado global da cooperativa, com base no lucro real, por ser impossível a determinação de parcela desse lucro alcançada pela não incidência tributária."

Se a contribuinte observa os pressupostos processuais em suas petições de defesa (legitimidade "ad causam", prazo, etc.), no mérito, em se tratando de tributação reflexa, a decisão vincula-se ao que for decidido no processo principal, vez que o seu suporte fático é o mesmo que embasa a exigência originária, é o que vem orientando a remansosa jurisprudência deste Conselho.



ACÓRDÃO Nº 101-83.578

No presente caso, está demonstrado, de forma i nequívoca, que a contribuinte apresentou o seu recurso a des- tempo, posto que foi cientificado da decisão recorrida em 29.08.91 e somente em 23.10.91, ingressou com o apelo de fls. 88/89.

Assim, em que pese o fato do lançamento proce- dido no processo principal ter sido julgado insubsistente por este Colegiado, não podemos ultrapassar a barreira da preclu- são para conhecermos e analisarmos o mérito do presente recur- so, sob pena de cometermos forte subversão das normas proces- suais. Tal conclusão tem como fundamento os sólidos ensinamen- tos destacados no voto embaixador do Acórdão nº CSRF/01.0.179, de 25.11.81, a seguir reproduzidos:

"É pacífico que as manifestações a destempo, no processo, capazes de ensejar a preclusão pro- cessual, impedem o reexame posterior da ques- tão que se pretende ver apreciada.

Ora, no processo administrativo fiscal, a fal- ta de impugnação no prazo estabelecido no artí- go 15 do Decreto nº 70.235/72, tem uma só con- seqüência: não se instaura a fase litigiosa do procedimento, vale dizer, impossibilita que o impugnante tardio veja examinado o mérito de suas razões, como também impede que tanto o julgador "a quo", como o Colegiado, examinem o mérito do litígio, simplesmente porque litígio procedimental não há.

Tanto assim é que, tecnicamente, impugnações ou recursos peremptos, não obstante recebidos pelas repartições e encaminhados aos órgãos jul- gadores, só tem uma solução lógica: não são cõ- nhecidos.

Seja em decisão singular, seja em acórdão, há de fundamentar-se o não conhecimento. Porém - como é óbvio - o não conhecimento, por força da preclusão, quer significar que o julgador não pode ter ciência, informação ou notícia, en- fim, 'representação intelectual', ou formação de juízos ou idéias sobre o que lhe foi subme- tido a julgamento.



ACÓRDÃO Nº 101-83.578

Portanto, ultrapassar-se a barreira da preclusão, para se conhecer e analisar o mérito, constitui forte subversão das normas processuais - ainda que inspirada pelos melhores propósitos.

A justiça - no caso, a fiscal - não pode ser feita ao arrepio da lei processual, pena de não se ter processo digno de nome. Ademais, é conhecido que a busca da justiça mediante violação do ordenamento jurídico, umas vezes poderá permitir soluções justas, outras (muitas) soluções injustas."

É óbvio que tal decisão não prejudica a autoridade de primeira instância, no exercício de sua função de autoridade lançadora, de retificar de ofício o procedimento instaurado, logicamente, se entender cabível a medida, consoante as normas insertas no artigo 149 do Código Tributário Nacional.

Sobre a questão, o acórdão supramencionado assim orientou:

"Por outro lado, a autoridade julgadora de primeiro grau, não obstante impedida de apreciar o mérito ao decidir sobre impugnação intempestiva - enquanto na função jurisdicional administrativa - não o está quando na função de autoridade lançadora que também é (o que não se passa com o Conselho de Contribuintes).

Assim, é perfeitamente lícito àquela autoridade determinar o cancelamento do lançamento que entender ilegal. Não à vista da impugnação premissa. Mas em qualquer ato próprio, mesmo porque a fase litigiosa do processo não se instaurou. Constatada a irregularidade, é dever daquela autoridade determinar, de ofício, o cancelamento da exigência, em qualquer fase anterior ao início de eventual cobrança judicial, isto é, enquanto o lançamento e a cobrança estiverem sob a sua jurisdição.

Ressalte-se que daí não resulta revisão da decisão prolatada no julgamento da impugnação intempestiva, vez que uma foi efetuada no exercício da função jurisdicional e outra seria no desempenho das funções de autoridade lançadora.

Afora essa solução, de ordem administrativa, resta ao contribuinte o recurso ao judiciário.



ACÓRDÃO Nº 101-83.578

Em suma, o ordenamento jurídico tem caminhos definidos para recompor direito e afastar injustiças. Decabido, portanto, o atropelo das vias normais para remediar problemas, mormente através de expedientes legalmente desamparados."

Isto posto, e considerando tudo o mais que dos autos consta, voto por não conhecer do recurso, por intempestivo, sem prejuízo de que o julgador "a quo", no exercício de suas funções de autoridade lançadora, determine, de ofício, o cancelamento da exigência, caso entenda insubsistente o lançamento.

Brasília (DF), em 21 de maio de 1992



MARIAM SEIF - RELATORA